

Guenther Roth (1931-2019)

Stephen Kalberg

Guenther Roth, Professor Emérito de Sociologia na Universidade de Columbia, faleceu a 18 de maio de 2019, com 88 anos de idade. Ele deixou sua esposa, a distinta medievalista Caroline Walker Bynum, a filha Alice Roth, o filho Christian Roth, e a enteada Antonia Walker.

O nome de Guenther estará para sempre ligado ao *magnum opus* de Max Weber: *Economia e Sociedade* (E&S, 1968, 1976, 2013). Com a ajuda do seu amigo e coeditor de longa data, Claus Wittich, ele atuou como o principal tradutor e editor deste livro, organizado nos Estados Unidos em três volumes. Esse trabalho de tradução tem sido reconhecido durante décadas como notável. E, de fato, Guenther era excepcionalmente qualificado para empreender tarefa tão hercúlea.

Isso porque o seu ginásio humanista, que ele cursou em sua cidade natal, Darmstadt, Alemanha, proporcionou-lhe uma excelente educação em línguas e história. Ali o estudo de línguas antigas (latim e grego) e modernas (francês e inglês) era obrigatório. Com efeito, organizar e traduzir o assustador e abstruso tratado de Weber teria sido impossível sem um domínio firme da história e das línguas ocidentais.

Mas, para entender o alcance do seu trabalho, precisamos levar em consideração também o quadro de alterações que afetou o ensino das ciências sociais nos Estados Unidos. No rescaldo da Segunda Guerra Mundial, o ensino já não poderia continuar a ser centrado nos Estados Unidos. Uma abertura ao mundo tinha de ocorrer e, de fato, as universidades americanas foram transformadas por uma onda de pesquisadores emigrados. O entusiasmo de Guenther por “imagens grandiosas”, a sua leitura atenta do escrito *Max Weber: um retrato intelectual* (1960), do seu mentor, Reinhard Bendix, foram fatores que o impulsionaram definitivamente para o estudo das obras de Weber.



Direito autoral e licença de uso: Este artigo está licenciado sob uma Licença Creative Commons. Com essa licença você pode compartilhar, adaptar, para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra, forneça um link para a licença, e indicar se foram feitas alterações.

O volume de Bendix foi um grande sucesso, em parte devido a uma insatisfação crescente na década de 1960 com a teoria da modernização de Parsons. No entanto, as traduções existentes de Weber eram fragmentadas e frequentemente pouco confiáveis. Diante disso, Roth e Wittich assumiram uma tarefa enorme: E&S ocupava quase 1.500 páginas. Além disso, Guenther viu-se de frente com referências obscuras e um estilo de escrita alemão que, oriundo do século XIX, era extremamente complicado.

A E&S demarcou Weber claramente como um oponente do holismo funcionalista e banuiu o esforço de Parsons para torná-lo um teórico da modernização. Ao mesmo tempo, este estudo tornou-se uma referência central para muitos comparativistas norte-americanos. Dessa forma, um novo campo – a “sociologia histórico-comparativa” – adquiriu uma base sólida e uma “onda Weber” emergiu na macroteorização americana. De fato, esta transformação da disciplina nunca teria ocorrido sem os parâmetros firmes definidos pela E&S. Se Guenther não tivesse empreendido a tarefa, pode ser que E&S jamais se tornasse acessível aos investigadores. Não admira, pois, que as vendas acumuladas desta obra tenham atingido aproximadamente 40.000 exemplares.

Frente a tudo isso, talvez os historiadores da sociologia americana do futuro pensem em E&S como a principal contribuição de Guenther. No entanto, seu trabalho tinha uma voz própria. Redigidas tanto em alemão quanto inglês, suas publicações foram numerosas e influentes. Em primeiro lugar, e no que diz respeito à pesquisa sobre o pensamento de Weber, as contribuições de Guenther foram vastas. Ele esclareceu muitos de seus conceitos (como dominação [*Herrschaft*], legitimidade, patrimonialismo, burocracia e carisma), identificou a metodologia dos estados histórico-comparativos de Weber (“teorias seculares”, “modelos sócio-históricos” e tipos ideais de análise), demonstrou a capacidade desses métodos para guiar a pesquisa empírica e interpretou os escritos de Weber sobre as origens e a trajetória do Ocidente como uma “história desenvolvimental”. Guenther também utilizou uma variedade de seus tipos ideais para compreender fenômenos empíricos atuais, como o movimento estudantil da década de 1960 (carisma), além da dominação pessoal (patrimonial) e impessoal (burocrática) no mundo em desenvolvimento. Por fim, ele documentou

aspectos até então totalmente desconhecidos da vida de Weber, conectando-os aos principais temas de suas pesquisas acadêmicas, preocupações políticas e interesses pessoais. Em um épico de 700 páginas – *História da Família Anglo-Alemã de Max Weber, 1800-1950* (em alemão, 2001) –, ele investigou a extensa e cosmopolita família de Weber como um exemplo da globalização econômica do século XIX.

Em segundo lugar, as contribuições de Guenther vão além de Weber. Ele defendeu a disciplina de sociologia, bem como a missão da universidade em apoiar pesquisas não partidárias, rejeitando todas as tentativas de politizar a pesquisa em ciências sociais (ver *Bendix e Roth, Scholarship and Partisanship*; 1971, 1980). Ele também examinou os escritos e as atividades políticas da esposa de Weber, Marianne Weber, colocando-os dentro do contexto do ativismo feminista na Alemanha e defendendo o seu reconhecimento como uma grande teórica feminista. Além disso, escreveu um volume amplamente aclamado sobre a integração de um movimento político até então visto como hostil na Alemanha imperial, seu *Os Social-democratas na Alemanha Imperial* (1963, 1979); e analisou a imigração e assimilação judaica nos Estados Unidos (*Edgar Jaffe, Else von Richthofen and their Children*, (2011)). Por esses motivos, a voz distinta e poderosa de Guenther requer nossa atenção até hoje.

Sua longa jornada de vida abrangeu uma infância vivida sob o governo do Partido Nazista em sua cidade, correndo de prédio em prédio para evitar bombardeios e fornecendo instruções em inglês para soldados americanos. Ele chegou aos Estados Unidos em 1953, após dois anos estudando teoria crítica na Universidade de Frankfurt. Para sua alegria, Guenther recebeu uma autorização de residência, embora tivesse se oposto vigorosamente, por meio de suas atividades no Movimento pela Paz Alemã, ao rearmamento da Alemanha, uma posição defendida pelo governo americano.

Além da Columbia University, ocupou posições acadêmicas no estado de Ohio, na Stony Brook University, na UC-Davis e na University of Washington. Suas posições como professor convidado na Alemanha incluíram a Universidade de Heidelberg, a Universidade de Mannheim e a Universidade Livre de Berlim. Ele recebeu o Prêmio de Serviço Vitalício da Seção de História da Sociologia da ASA em 2007. “Eu cresci com pressa

na Alemanha nazista. A guerra me transformou em um animal político; a libertação em um intelectual e a emigração em um sociólogo político”.

Em seu ensaio autobiográfico (*Authors of their Own Lives*, 1990), Guenther escreveu que chegou aos EUA como um estudante estrangeiro “com pouca preparação cultural”. No entanto, ele também observou que nunca lhe faltou o apoio de uma rede cosmopolita espalhada por todo o país. Um guia importante em sua vida na América talvez possa ser compreendido por estas declarações: pelo menos desde os anos 1970, Guenther ajudou ativamente na aculturação de inúmeros acadêmicos alemães na América e de dezenas de acadêmicos americanos na Alemanha. Embora soubesse que sempre seria visto nos EUA como um estudioso “hifenizado” (teuto-americano), ele desejava “retribuir” a generosidade que recebera em seus primeiros anos ao se tornar um mediador transatlântico. Um caminho prático para a “construção de pontes” foi o *Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico* (DAAD), uma fundação financiada pelo governo que fornece bolsas de estudo para estudantes e pós-doutorado para professores. Ele fez parte do comitê de seleção por seis anos. Talvez os esforços de Guenther como um “conselheiro confiável” tenham ajudado várias centenas de pessoas que precisavam de “preparação cultural”.

Guenther deixa para trás gerações de alunos que apreciaram a ampla expansão e a base empírica de sua teorização, uma capacidade singular de enquadrar eventos e desenvolvimentos por meio de teorias, um humor seco e uma dedicação sincera à sua tarefa. “Meu tipo de sociologia”, escreveu ele, “deve abordar as grandes questões políticas, culturais e sociais da modernidade”.

Recebido: 22/06/2020

Aceito: 11/08/2020